

E N T R E V I S T A

Maria Yeda R. Pinto

Maranhense da cidade de Carolina, é filha de pai jornalista que viajava muito, criando oportunidades aos filhos para conhecerem lugares diferentes. Casou-se aos quinze anos com militar da aeronáutica e foi morar na cidade de Santos, São Paulo, onde permaneceu por muitos anos. Mãe aos 16 anos, católica praticante, teve sete filhos, cinco homens e duas mulheres, e é avó de 18 netos. Advogada de formação, Yeda é empresária, atuando em Itabuna desde o início dos anos 80.

Revista: De advogada para empresária, por quê a mudança?

D. Yeda: Na verdade, estudei Direito na cidade de Guarulhos, São Paulo, e só atuei na profissão por apenas dois anos; não gostei e procurei mudar.

Revista: Explique um pouco essa desistência da profissão de advogada.

D. Yeda: Simplesmente a militância não foi o que eu esperava. Realmente me decepcionei muito com a “in-justiça” praticada em todos os escalões e decidi fazer outras coisas que me preencheram mais e me deram oportunidades de interagir com lisura e honradez.



Revista: De São Paulo, a maior e mais dinâmica cidade brasileira, para Itabuna, cidade do sul da Bahia, bem menor, bem menos dinâmica, o que representou essa mudança para você?

D. Yeda: A mudança não me causou surpresa, foi escolha; além disso, sou uma mulher muito prática. Vim sozinha para Itabuna e fui bem recebida por uma família daqui, que conheci em São Paulo. Durante a minha organização de vida, contei com total apoio deste casal e de dois filhos meus que decidiram suspender temporariamente as atividades estudantis que tinham na Universidade de Brasília e na Universidade de São Paulo para me dar apoio durante a fase inicial dessa mudança, retornando em seguida para continuá-las. Aqui permaneci, aqui estou.

Revista: Por quê a opção por Itabuna?

D. Yeda: Em 1980 recebi um convite para trabalhar em Itabuna como representante da Editora Abril. Não vacilei. No início foi difícil, mas em nenhum momento pensei em desistir; eu sempre trabalhei. Deixei um emprego em uma multinacional para enfrentar esta experiência, o que representou mais uma, positiva, em minha vida. Valeu a pena!

Revista: O que significa religião para você?

D. Yeda: A religião é muito importante para mim; é o que me dá forças, coragem e, ainda, uma retaguarda fantástica. As minhas decisões são tomadas sempre sob o amparo da fé.

Revista: Falando em religião, nós sabemos que a senhora tem uma ligação com um grupo conhecido por *Toca de Assis*. Poderia explicar o que faz esse grupo e que ligação é essa?

D. Yeda: A *Toca de Assis* é uma comunidade formada por jovens muito inteligentes que perceberam, muito cedo, as vantagens de se prepararem verdadeiramente para a vida, abandonando os excessos da vida material e assumindo a vida espiritual, dedicando-se aos excluídos, aos mendigos, recolhendo em sua casa aqueles que aceitam a reclusão, compensada pelo conforto e carinho que lhes são oferecidos. Esses jovens chegaram a Itabuna a convite do Padre Auxêncio, então Pároco da Igreja de Nossa

Senhora da Conceição (hoje ele é toqueiro – nome que se dá aos integrantes da *Toca de Assis*), e foram morar no Bairro São Judas, distante do Centro, em rua sem asfalto, em local perigoso e sem segurança. Como sempre acompanhei a atuação desses jovens, vi de perto o problema que enfrentavam com a moradia, e a dificuldade que tinham para prestar assistência às pessoas acolhidas, como levar a médico, dentista, hospital. Decidi então aliviar ou amenizar aquele sofrimento, e Deus me permitiu adquirir um imóvel bem melhor, em terreno de 2.300 metros quadrados, em local asfaltado, onde vivem hoje, bem mais felizes e confortáveis. Esta é a *Toca de Assis* feminina, mas existe a masculina. Embora a comunidade tenha muito mais homens que mulheres, devo dizer que a mulher gerencia, de forma bem mais inteligente que o homem, essas situações de infortúnio.

Revista: Você é uma pessoa muito ativa, envolvida com o trabalho. O que quer dizer trabalho para você, e o que a faz tão vibrante?

D. Yeda: Trabalhar para mim é lazer. Gosto do que faço, sinto prazer em fazer o que faço. Não há lazer melhor do que trabalhar. Estar em atividade, estar trabalhando, ocupada, me dá segurança. Pra mim, os valores que uma pessoa abraça e defende são, na verdade, uma consequência do trabalho. Agradeço a Deus pela origem que tive, os pais maravilhosos que tão bem souberam transmitir aos filhos os valores reais – da dignidade, da fé e do trabalho.

Revista: Além de trabalhar o que mais gosta de fazer?

D. Yeda: Viajar; viajo sempre, mas não faço planejamento de viagem. As oportunidades acontecem e eu tiro proveito delas. Numa dessas viagens à Europa, tive a oportunidade de conhecer experiências de grupos de pessoas idosas. Ao retornar de uma dessas viagens, em 1995, criei o grupo Clube da Maior Idade Grapiuna, hoje congregando 88 associados, com aulas de dança, reuniões e outros eventos previamente programados. Esse Clube funciona no meu local de trabalho, em espaço cedido pela minha empresa, a Kastor Distribuidora de Livros e Revistas, sediada em Itabuna, Bahia.

Revista: O que vem significando envelhecer pra você?

D. Yeda: É um processo tão normal! Para falar a verdade, não percebi o meu envelhecimento, porquê não tenho preocupação com o que deixei de fazer. Tenho consciência de que fiz tudo o que quis, dentro das condições que criei. Vivi cada etapa e vivo sem me preocupar com os anos passados, sempre procurando viver melhor o presente.

Revista: Como você vê a juventude, hoje?

D. Yeda: Um tanto desorientada, sem noção de valores; a família se desestruturou. Os pais se tornaram ausentes e passaram a olhar mais para si mesmos. O apelo da televisão, a valorização do corpo e, não podemos negar, a falência da autoridade paterna, tudo isso tem contribuído para a desorientação dos jovens.

Revista: E a mulher?

D. Yeda: Ela vem assumindo um lugar que sempre deveria ter na sociedade. Mas hoje há um apelo muito forte da sexualidade, conseqüência da perda de valores reais.

Revista: Quanto à homossexualidade, como analisa?

D. Yeda: Uma questão polêmica; a igreja condena, mas bem que deveria mudar. A opção sexual de uma pessoa não pode ser condenada; condenável é o exagero, a libertinagem. Afinal, isto sempre existiu, desde os romanos, na antigüidade.

Revista: O que tem a dizer sobre Política?

D. Yeda: Da política sinto-me envergonhada, decepcionada. Acho que só poderíamos ter alguma mudança se reduzíssemos o tamanho do Congresso, porque reduziríamos o tamanho da corrupção.

Tenho consciência de que fiz tudo o que quis, dentro das condições que criei. Vivi cada etapa e vivo sem me preocupar com os anos passados, sempre procurando viver melhor o presente.

Revista: Com relação à velhice em Itabuna, como você a vê?

D. Yeda: Vejo a velhice bem mais humanizada na nossa região. E essa humanização aconteceu a partir dos trabalhos da UESC e de algumas ações das igrejas. Nunca a velhice foi tão valorizada.

Revista: Como é o dia-a-dia da empresária?

D. Yeda: Levanto cedo para fazer caminhada ou ir à missa. Às 9h já estou no escritório para dar início ao meu expediente, onde fico até às 17:30h, diariamente. Tenho cerca de 70 pessoas sob minha orientação, além de que atuo em 38 municípios do Sul da Bahia. Também atuo e gerencio as ações do Clube da Melhor Idade, e estou à frente de todas as suas atividades, que não são poucas. Como tenho família grande, tenho sempre obrigações que me levam a viajar; logicamente são viagens longas nas distâncias, mas rápidas no

Vejo a velhice bem mais humanizada na nossa região. E essa humanização aconteceu a partir dos trabalhos da UESC e de algumas ações das igrejas. Nunca a velhice foi tão valorizada.

tempo. Em função do meu trabalho, também preciso fazer viagens de caráter profissional. Como vê, não me sobra tempo para muita coisa, como ler e ir a cinema, *hobbys* mais esporádicos. Mesmo assim, leio as revistas semanais e os jornais diários, além de que não perdi o hábito de comprar os *best-sellers*, ainda que os leia até a metade, quando muito. Além disso, tenho computador (internet), o *orkut*, o *skype*, para depois da meia noite. O

tempo para dormir é pouco, máximo de cinco horas, mas suficiente para o repouso reparador.

Revista: Nós queremos saber quem é Yeda, por Yeda.

D. Yeda: sou um pouco mística; venho de uma família muito religiosa. Sou uma pessoa determinada - quando quero algo, invisto, vou em frente. Não sei se sou corajosa - mas sei que Deus me dá muita força. Sou uma pessoa decidida, e revoltada com a injustiça social. Enfim, sou uma pessoa normal.